O protagonista deste conjunto de contos, o lendário Nasrudín, encarna a figura do sábio louco que desconcerta pela sua conduta espontânea e desinibida, similar à de uma criança.

Porém, as histórias de Nasrudín vão muito mais além da anedota convencional e constituem um exemplo insuperável do poder transformador do humor.

Preparem-se porque, na presença de Nasrudín, tudo é possível!

Com um guia de leitura para ir mais longe

ISBN 978-84-15518-20-4
9 788415 518204
www.fragmenta.pt

1

Histórias de Nasrudín

HALIL BÁRCENA – MARIONA CABASSA

Histórias de Nasrudín

HALIL BÁRCENA – MARIONA CABASSA

Pequena FRAGMENTA

HALIL BÁRCENA

Nasci numa aldeia da Cantábria, no norte de Espanha, mas vivo em Barcelona há imensos anos. Frequentei estudos árabes e de música oriental em Marrocos, na Jordânia, no Líbano e na Síria mas agora passo longas temporadas em Istambul, cidade onde aprendi quase tudo o que sei sobre Nasrudín e muitas outras coisas. Escrevi vários livros, especialmente sobre o sufismo. Amo as artes: toco *ney* (flauta sufí de cana), danço como os dervixes e estou a aprender caligrafia islâmica. Também me apaixona o desporto: pratico ciclismo, nado e corro maratonas. Mas nada me enche tanto como as flores das amendoeiras e o sabor das cerejas.

MARIONA CABASSA

Nasci e vivo em Barcelona. Que me lembre, sempre desenhei, ainda que costume dizer que poderia ter sido ceramista, pasteleira, joalheira, florista…, qualquer profissão que me permitisse expressar-me artisticamente e trabalhar com as mãos. Comecei por estudar desenho gráfico na Escola Massana, mas um par de anos mais tarde compreendi que necessitava de mais pincéis, mais lápis e menos écrans de computador. Depois, fui para Estrasburgo aprender ilustração. Dedico-me desde há muitos anos a desenhar livros para crianças. Quando não desenho danço, que é a minha outra paixão.

Generalitat de Catalunya
Departament de Cultura

Com o apoio do Departamento de Cultura

Publicado por Fragmenta Editorial | Plaça del Nord, 4, pral. 1.ª | E - 08024 Barcelona | España | www.fragmenta.pt | fragmenta@fragmenta.pt
Coleção: Pequena Fragmenta, 1 | Direção da coleção: Inês Castel-Branco | Primeira edição: Outubro de 2015 | Impressão e encadernação: Agpograf, SA
© 2015 Halil Bárcena, pelo texto, o guia de leitura e a caligrafia do título | © 2015 Mariona Cabassa, pelas ilustrações e a capa | © 2015 Inês Castel-Branco, pela tradução
© 2015 Fragmenta Editorial, SL, por esta edição | Depósito legal: B. 19.747-2015 | ISBN: 978-84-15518-20-4 | *Printed in Spain* | Reservados todos os direitos

Histórias de Nasrudín

Versão de Halil Bárcena
Ilustrações de Mariona Cabassa

Nasrudín e as chaves

Um dia, Nasrudín perdeu as chaves de casa. Chegou a noite e o pobre homem ainda andava de joelhos, à luz de um lampião, a procurar em vão as malditas chaves. Eis senão quando, no cume do desespero, passou por ali um velho amigo seu:

— Então, Nasrudín, o que fazes assim? — perguntou o bom homem.

— Procuro as minhas chaves — respondeu ele, desconsolado.

Ao ver o seu amigo tão abatido, o homem, que tinha bom coração, decidiu ajudá-lo a encontrar as chaves perdidas.

Mas os minutos passavam e as chaves do Nasrudín não apareciam em nenhum lugar.

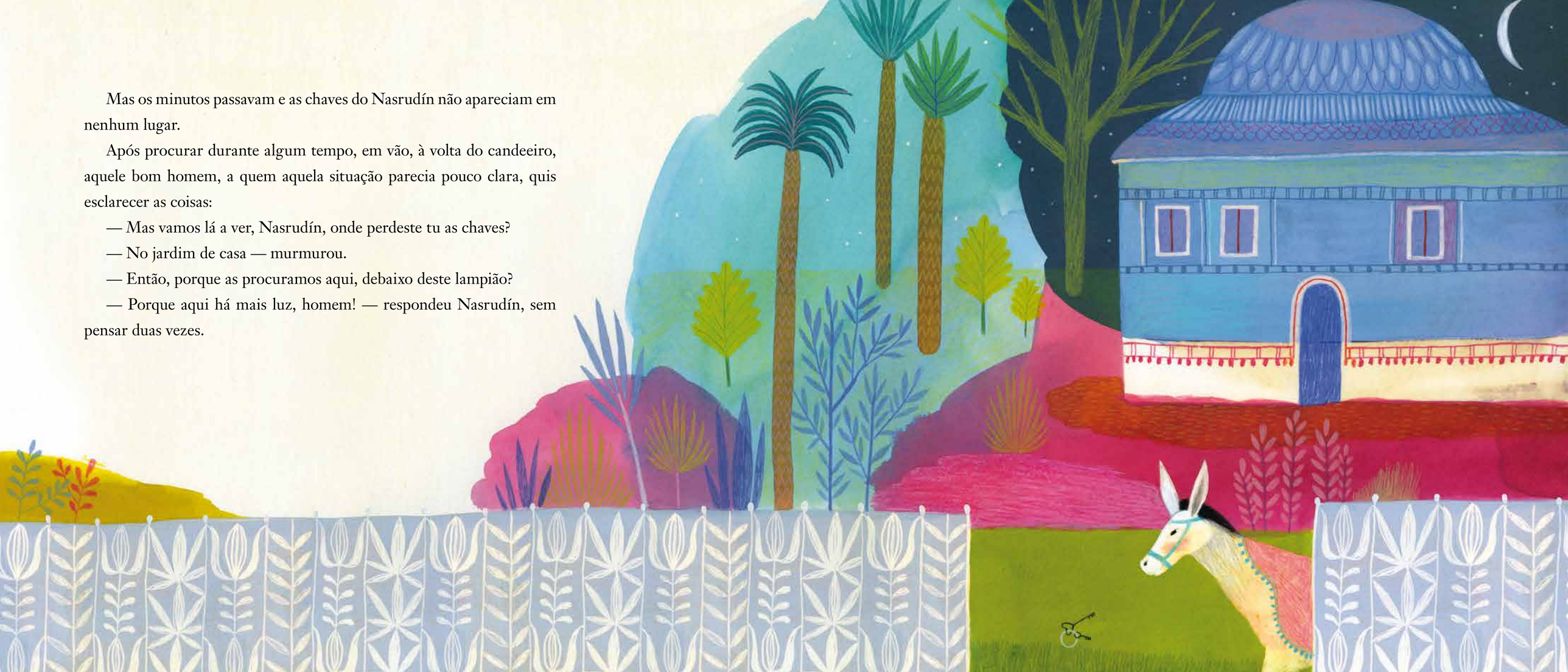
Após procurar durante algum tempo, em vão, à volta do candeeiro, aquele bom homem, a quem aquela situação parecia pouco clara, quis esclarecer as coisas:

— Mas vamos lá a ver, Nasrudín, onde perdeste tu as chaves?

— No jardim de casa — murmurou.

— Então, porque as procuramos aqui, debaixo deste lampião?

— Porque aqui há mais luz, homem! — respondeu Nasrudín, sem pensar duas vezes.



Nasrudín e a pesca imaginária

Um belo dia, houve uma grande confusão no mercado de Akshehir, que nesse tempo era uma simpática aldeiazinha no centro da Anatólia turca. Nasrudín colocou-se no meio da enchente de gente que comprava e vendia mil e uma coisas com uma cana de pesca e um pequeno balde cheio de água. É evidente que a cena do Nasrudín pescando naquele balde parecia grotesca. Toda a gente que passava se ria dele.

Um homem, mais atrevido que os outros, decidiu perguntar-lhe:

— Então, picam muito?

— Pois, contigo já lá vão nove — respondeu-lhe Nasrudín.

Guia de leitura

Um sábio louco chamado Nasrudín

Uma das personagens mais fascinantes do Oriente islâmico é Nasrudín, também conhecido na Turquia como Nasreddín Hodja (que quer dizer o Mestre Nasrudín) e como Juhá entre os povos árabes. Também na Sicília encontramos um tal Giufá, equivalente italiano de Nasrudín, protagonista de muitos contos populares sicilianos de origem árabe.

Nasrudín é uma personagem a meio caminho entre a história e a lenda. É pouco, muito pouco, quase nada, o que sabemos dele. Alguns situam-no no século XIII, onde hoje é a Turquia, mais concretamente na cidade de Akshehir, no centro da Anatólia, onde se encontra a sua suposta tumba, e outros um par de séculos mais tarde em Samarcanda, na corte do temido Tamerlão.

Nasrudín encarna a figura do sábio louco que desconcerta pela sua lógica insólita e a sua conduta espontânea e desinibida, similar à de uma criança. Nasrudín, que umas vezes se mostra como um mestre eminente e outras como um verdadeiro louco, e até como um pateta, arranca o nosso sorriso com os seus disparates e o seu comportamento, muitas vezes absurdo, que não visa outro objetivo senão denunciar as convenções sociais e mostrar a natureza real das coisas.

E, por trás da simplicidade aparente de umas pequenas histórias de humor — cujo eco ressoa desde o Magrebe até à China, passando pela Turquia e pela Índia — esconde-se, na verdade, um conhecimento delicado, universal e intemporal, que ultrapassa as épocas e as fronteiras. A sabedoria revestida de estupidez de Nasrudín desmascara a hipocrisia e a parvoíce humanas, ao mesmo tempo que exibe uma contagiosa alegria de viver.

De Nasrudín chegou-nos um bom punhado de histórias cómicas e sapienciais que vão muito mais além da anedota convencional e constituem um exemplo imelhorável do poder transformador do humor, tal como se entende no sufismo, a tradição mística do Islão. Os sufis amam a música e a poesia, mas também o humor expressado através dos contos, que têm um importante papel pedagógico, porque os três — música, poesia e humor — tocam fibras muito íntimas do ser humano, impossíveis de alcançar de outra maneira.

Segundo os sábios sufis há três maneiras de abordar os contos:

- como se fossem um simples entretimento lúdico;
- de uma maneira prática e operativa, procurando tirar lições para a vida diária;
- meditando em silêncio para além do formalismo narrativo, até que o conto, que é muito mais do que uma anedota engenhosa, vá revelando o seu significado profundo e espiritual.

Por esse motivo, nos círculos sufis não se costumam explicar os contos. Pelo contrário, compete ao discípulo descobrir por si mesmo o seu segredo seguindo as pistas que lhe são oferecidas. Dizem os sábios sufis que explicar um conto é como se fôssemos ao mercado, comprássemos fruta e pedíssemos ao vendedor que a consumisse à nossa frente, deixando-nos apenas a pele. Por isso, os comentários e as perguntas sobre cada história não são mais do que pistas para trabalhar estes contos com os mais pequenos, mas não esgotam todas as suas possibilidades significativas.

Em relação ao conjunto de histórias que aqui apresentamos, pertencem ao rico património da literatura oral do Oriente islâmico, ainda que algumas tenham sido postas por escrito como vai sendo costume ultimamente. Ainda assim, trata-se de contos para ser explicados — e até encenados —, mais do que lidos. O âmbito natural do conto é a Casa de Chá ou o Café entre amigos, bem como o círculo sufi de iniciados no caminho interior. No Oriente islâmico, a figura do narrador de contos, o *hakawati*, é muito querida e há alguns extraordinários. Quem escreve estas linhas teve o privilégio de ter conhecido alguns narradores excelentes, contadores de contos que comovem pelo que dizem, sim, mas sobretudo pela maneira como o dizem. Desde aqui fazemos chegar a nossa homenagem e reconhecimento a todos eles.

Nasrudín e as chaves

«Quem procura, encontra», costuma-se dizer, mas é preciso saber procurar. Muitas vezes procuramos a solução dos problemas longe das suas verdadeiras causas pelo que nunca conseguimos resolvê-los, por muito que nos esforcemos. Às vezes, atuamos assim por comodidade. Mas a verdade é que só podemos resolver os problemas identificando a sua raiz. Porque apenas somos capazes de transformar o que conhecemos, quer dizer, o que previamente identificámos. Costumamos viver na periferia das coisas, na superficialidade, não no seu centro. Ser pessoa, no sentido pleno da palavra, é estar no centro, ser centro.

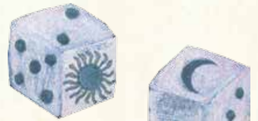
- Onde tinha perdida as chaves o Nasrudín?
- Onde é que as estava a procurar? Porquê?
- Vale a pena procurar as coisas onde sabemos que não estão?
- Quando temos um problema é mais importante pôr-se a fazer coisas para resolvê-lo, de qualquer maneira, ou é melhor parar a pensar para tentar descobrir onde está realmente a raiz do problema e como podemos solucioná-lo?
- Como achas que continuaria o diálogo de Nasrudín com o seu amigo?

Nasrudín e a pesca imaginária

Num mundo como o nosso, voltado para o exterior, importa pouco que as coisas sejam, mais importante é que pareçam. Muitas vezes, deixamo-nos levar pelas aparências, quer dizer, pela superficialidade das coisas. Mas é essencial distinguir entre *ser* e *parecer*. As coisas nem sempre *são* o que *parecem*. Portanto, vale a pena não julgá-las com ligeireza nem ridicularizá-las. De outro modo, ainda podemos ser surpreendidos.

- A que se referia o homem quando perguntou ao Nasrudín se picavam muito?
- De que falava o Nasrudín quando lhe respondeu?
- Como achas que se teria sentido este homem com a resposta do Nasrudín?
- Alguma vez te riste de alguém e depois sentiste que não o devias ter feito?

Nasrudín, a lua e o sol

Verão e Inverno, noite e dia, frio e calor, céu e terra, masculino e feminino. Os pares de opostos, como aspetos complementares da realidade, outorgam um sentido oscilante à vida. Não há nada melhor ou pior. Quando tudo está bem para ti, quer dizer que superaste as contradições. Tomar partido por uma única parte da realidade leva-te ao sofrimento. A resposta absurda do mestre não é senão o espelho onde se reflete uma pergunta sem sentido.

- Achas que a pergunta que este bom homem fez ao Nasrudín tem sentido?
- Pensas que é bom escolher entre frio e calor, noite e dia, céu e terra, sol e lua? Ou é melhor aceitar que todas as coisas podem ser importantes em momentos diferentes?
- Para ti o mundo deve separar-se entre bons e maus?
- Lembras-te de algum conto onde a personagem má se converte em boa? Ou ao contrário?
- Na nossa história, que terias respondido tu a este homem?